

# ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA: SINGULARIDADES DE UMA LEITURA

António Pedro Pita  
Universidade de Coimbra

## RESUMO:

As relações entre o romance regionalista brasileiro e o Neo-Realismo português, sob a leitura de António Ramos de Almeida.

## PALAVRAS-CHAVE:

Regionalismo, Neo-Realismo, António Ramos de Almeida.

## ABSTRACT:

The relationship between Brazilian regionalism and Portuguese Neorealism, under the reading of António de Almeida Ramos.

## KEYWORDS:

Regionalism, Neorealism, António Ramos de Almeida.

António Ramos de Almeida não chegou a publicar o livro anunciado em 1947, com o título “A marcha para o Neo-Realismo”, por ele próprio caracterizado como uma espécie de prólogo à história do movimento, simultaneamente um roteiro do “caminho que lhe antecedeu – que nós fomos obrigados a trilhar” e a explicitação de que “o Neo-Realismo foi muito antes da verdadeira consciência que nós tivemos dele, uma aspiração profunda e uma necessidade imperiosa daqueles que começaram” (ALMEIDA, 1947, p. 470-471). É que, revela no mesmo depoimento: “tenho três discursos pronunciados em 1934 e 1935 – em Coimbra – que provam essa primeira etapa, ainda vaga e nebulosa, ainda anterior, até, à polémica Arte Pura – Arte Social”.<sup>1</sup>

Como o redator da revista *Vértice*, promotora do inquérito, não solicitou mais esclarecimentos sobre o projeto, permanecemos na ignorância de um testemunho, certamente relevante, para reconstituir e compreender o contexto histórico-cultural em que o Neo-Realismo se formou.

---

<sup>1</sup> É possível que uma obra de “crítica e polémica” intitulada *Falando ao povo sobre a arte*, reunião de “conferências e discursos”, anunciada como “A publicar” em *A arte e a vida*, previsse reeditar estas conferências. Mas nunca foi publicada.

Esta é, no entanto, só uma das razões para justificar, se fosse necessário, a reconsideração da obra e da intervenção de António Ramos de Almeida – cujo centenário de nascimento, a comemorar-se este ano, é um outro pretexto oportuno.<sup>2</sup>

É possível que a participação ativa de António Ramos de Almeida no ambiente preparatório do Neo-Realismo tenha sido desvalorizada pelo interesse relativo de uma obra literária que se quis demasiado presa a circunstâncias próximas.

De modo que será sobretudo o seu significado histórico-cultural que nos levará à releitura de colectâneas como *Sinal de alarme* (1938), *Sinfonia de guerra* (1939), *Sêde* (1944a) e *Vulcão* (1945).

Outro tanto não diremos da famosa conferência *A arte a vida*, publicada em 1941<sup>3</sup> e dos ensaios consagrados a Antero de Quental (ALMEIDA, 1943) e a Eça de Queiroz (ALMEIDA, 1945): são duas aproximações relevantes para o confronto da autoconsciência neo-realista com o modelo de intervenção intelectual da chamada Geração de 70.

O trabalho de conclusão do curso na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, intitulado *A teoria pura do direito de Hans Kelsen* (1938), requer igualmente leitura numa reconstrução mais ampla das condições doutrinárias subjacentes ao Neo-Realismo.

A este estudo e aqueles ensaios, deveremos acrescentar o trabalho consagrado a Bernardino Machado (ALMEIDA, 1974),<sup>4</sup> que documenta bem o modo como uma

<sup>2</sup> Sobre António Ramos de Almeida ver: José Régio (1964); Nuno Teixeira Neves (1964) [trechos do discurso proferido em 10 de junho de 1964, no cemitério de Vila do Conde, no descerramento do medalhão de Ramos de Almeida no seu mausoléu]; Victor de Sá (1972); e António Pedro Pita (1998). As colaborações em *Sol Nascente* e em *Vértice* foram já levantadas por Luís Crespo de Andrade (2007, p. 134) e Carlos Santarém Andrade (1987, p. 15).

<sup>3</sup> A conferência tem um sub-título menos lembrado: “para esclarecimento e compreensão da literatura moderna portuguesa e da estéril polémica arte pura e arte social”. Foi pronunciada na Associação Cristã da Mocidade, no Porto, em março do mesmo ano de 1941. Na indicação de obras a publicar, o autor refere *Sangue* – Contribuição para o Novo Cancioneiro, jamais integrada na série mas ainda anunciada no citado inquérito de *Vértice* como título adequado à reunião de todos os versos, publicados e inéditos; e dá como “no prelo” uma novela, *Véspera*, que permaneceu inédita, apesar, ainda segundo o mesmo inquérito de *Vértice*, já ter estado “duas vezes no prelo”, sempre sem conseguir ver a luz do dia, “sempre por motivos alheios a minha vontade”. Anote-se a importância da Coleção Cadernos Azuis, iniciada com um importante estudo de Manuel de Azevedo, *O cinema em marcha*. Apesar dessa importância, é uma iniciativa editorial ainda pouco estudada, rigorosamente contemporânea da famosa Biblioteca Cosmos, dirigida por Bento de Jesus Caraça.

<sup>4</sup> A obra, póstuma, é acompanhada de uma nota de Papiniano Carlos. Insere-se no projeto de uma “antologia do pensamento republicano”, do qual Bernardino Machado é considerado o “melhor” representante (p. 15). A antologia é um projeto antigo e de grande dimensão. Seria dirigida por António Ramos de Almeida, também responsável pelo 1º volume (o de que falamos, consagrado a Bernardino Machado) e dela fariam parte, para limitar-me a volumes anunciados, um sobre Latino Coelho, da autoria de Joaquim de Carvalho, e outro sobre Mouzinho da Silveira, de Armando Castro. Previa também a reedição das Constituições portuguesas, de 1822 a 1933. O prefácio consagrado a Bernardino Machado foi publicado em *Vértice*, (ALMEIDA, 1964). Em 1951, publicara o estudo *Bernardino Machado* –

apropriação do materialismo histórico quer situá-lo numa continuidade transformadora da tradição republicana. Fica tracejado um movimento de pensamento pouco subordinado a mecanicismos e muito interessado no aprofundamento ou radicalização de uma tradição progressiva portuguesa que remonta ao liberalismo.

António Ramos de Almeida vive ativamente a atmosfera cultural e política que gera o Neo-Realismo, onde é muito viva a lenta metamorfose de um republicanismo de esquerda<sup>5</sup> que pressupõe necessário ultrapassar a sua identidade demoliberal por uma inequívoca abordagem da questão social, o que re-orienta muitos desses jovens dos terrenos mais radicais do republicanismo para as proximidades e, com frequência, a militância do Partido Comunista. Desenvolve uma intervenção doutrinária permanente, que é possível fazer remontar à sua participação na Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra, logo no ano letivo de 1934-1935.<sup>6</sup>

O “menino burguês” chamado António Ramos de Almeida nasceu, porém, na praia de Nossa Senhora dos Milagres de Olinda, em abril de 1912, “filho de emigrante, neto de emigrante, embalado por uma preta descendente de escravos”. Frequentou o Colégio Salesiano do Recife entre 1921 e 1924 e deslocou-se para Portugal onde, em Coimbra, frequenta a Faculdade de Direito a partir de 1932.

A atividade que desenvolve a partir daí, em ritmo de crescente envolvimento e progressiva maturação, corresponde a uma consciência histórica modelada pelo reconhecimento da justeza dos princípios fundamentais do materialismo histórico.

Sublinho, em particular, a afirmação inequívoca da importância do espaço público e uma peculiar e pioneira valorização do caráter *exemplar* da literatura brasileira contemporânea.

O reconhecimento da importância do espaço público, note-se, não é uma atitude individual mas uma aquisição *ideológica* da geração que desencadeou o Neo-Realismo, rapidamente concretizada na organização de um vasto aparelho de dimensão nacional.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> No momento da morte de Joaquim de Carvalho, António Ramos de Almeida recorda: “Quando há vinte e cinco anos cheguei a Coimbra para cursar Direito, perguntaram-me logo no “Estação Velha” se era Republicano ou Integralista. (...) Já nos meus últimos anos do liceu alinhara na barricada ideológica e ativa dos Republicanos, cujos Mestres de Juventude eram, além de António Sérgio, Raúl Proença, Jaime Cortesão e o Mestre de Coimbra – assim lhe chamávamos: – Joaquim de Carvalho” (ALMEIDA, 1958).

<sup>6</sup> António Ramos de Almeida faz parte da Direção presidida pelo poeta António Sousa e a que pertencem também José Fernando Saraiva, Carlos Leça, António Leitão, Ernesto Andrade e José Tinoco. Ainda de acordo com a informação do *Diário de Coimbra*, de 12 de novembro de 1934, o presidente da Assembleia Geral é Fernão Rosa Gomes, e o presidente do Conselho Fiscal, António Ferrer Correia.

<sup>7</sup> Para conhecer a importância da imprensa no desenvolvimento do neo-realismo, cf: António Pedro Pita (2002), onde retoma artigos publicados dispersamente desde 1978; Luís Trindade (2004); Luís Crespo de Andrade (2007); Viviane Ramond (2008); Luís Augusto Costa Dias (2012; ainda inédita em livro, no momento em que escrevo). *Evocação de uma figura pública*; é provavelmente o texto da conferência pronunciada em Vila Nova de Famalicão, por ocasião das comemorações do 1º Centenário de Bernardino Machado, de que um fragmento é estampado em *Vértice* (ALMEIDA, 1951).

Antônio Ramos de Almeida colabora extensamente nas publicações mais relevantes deste aparelho cultural (*Sol Nascente*, *O Diabo*, *Vértice*). Cria a Sociedade Editora Norte (1942). Funda o “Suplemento Literário” do *Jornal de Notícias*.<sup>8</sup> É um conferencista requisitado e solícito.

A dispersão em que permanecem, na sua maior parte, os artigos e as conferências, que se contam por centenas, dificulta a avaliação de como são contributos imprescindíveis para estabelecer um perfil, pontuar um percurso e esclarecer uma situação cultural e política. E a sua morte prematura, em 1961, reforçou a transição para uma imortalidade de cinza, de uma discrição tão frágil que se confundiu e confunde com o esquecimento.<sup>9</sup>

Porém, não menos importante, é a reflexão que consagra ao alcance histórico das orientações estéticas do (chamado) romance regionalista brasileiro.

De 1938 é o ensaio intitulado “O romance brasileiro contemporâneo através de seus principais intérpretes”, publicado na revista *Sol Nascente* desdobrado em dois artigos, o primeiro consagrado a Jorge Amado e o segundo a José Lins do Rego e Amando Fontes.

---

<sup>8</sup> Não está feita a história dos suplementos literários e, por isso, ainda não é possível avaliar com rigor a importância (cultural, política, sociológica) de toda essa imprensa. Antônio Ramos de Almeida subsegue a apresentação do “Suplemento Literário” do *Jornal de Notícias*, em 22 de fevereiro de 1953, com o título “A vez da literatura”.

<sup>9</sup> Uma nota não-assinada destaca, em *Vértice* (vol. XXI (1961), p. 210), o contributo de Antônio Ramos de Almeida para a afirmação do neo-realismo e para a formação de uma verdadeira comunidade luso-brasileira. Mas observa que a obra legada “ressente-se da dispersão e de uma certa falta de amadurecimento”. Em 1964, faz-se eco da homenagem prestada em Vila do Conde nestes termos: “No dia 10 de junho último, a memória de Antônio Ramos de Almeida foi homenageada pelos seus amigos, admiradores e povo de Vila do Conde. Nascido em Belém, no Brasil, vivendo em Vila do Conde, foi desde muito novo defensor e obreiro de uma unidade luso-brasileira que se realizasse, para além das formas diplomáticas e políticas, na convivência íntima dos dois povos. Estudante de Coimbra e um dos iniciadores do neo-realismo em Portugal, Antônio Ramos de Almeida foi quem trouxe a este movimento o conhecimento dos grandes romancistas do Brasil - Graciliano Ramos, Jorge Amado, Armando Fontes (sic), Lins do Rego, foram divulgados entre nós em artigos que escreveu em *Sol Nascente*, em *O Diabo* e outros jornais e revistas culturais. Homem de rara inteligência e imensa capacidade de criar simpatia à sua volta, podia ter aberto à sua frente um caminho de glória fácil e triunfo material, preferiu os escolhos de um difícil apostolado e não hesitou em sacrificar até a realização de uma obra de escritor de cujas perspectivas nos dão ideias as suas obra de juventude: O poeta de *Sinal de alarme*, de *Sinfonia da guerra*, de *Sêde*, o ensaísta de *A arte e a vida*, de *Eça de Queiroz*, de *Nova descoberta do Brasil*, de *Antero de Quental*, o jurista cuja tese sobre Kelson (sic) motivou alto elogio, foram sacrificados a uma obra de menor afirmação pessoal, mas que A. Ramos de Almeida sabia necessária e urgente. *Vértice* juntar-se-à ao coro de homenagem a Antônio Ramos de Almeida, nosso companheiro desde a primeira hora, publicando no próximo número, algumas obras suas, em grande parte inéditas, e alguns estudos sobre o homem e a obra.” E, de facto, no número seguinte (vol. XXV (1964), p. 397-401), reúne um conjunto de elementos que dão maior consistência e alcance à sua memória de Ramos de Almeida: desse conjunto fazem parte os textos de José Régio (1964) e de Nuno Teixeira Neves (1964) e, do próprio Antônio Ramos de Almeida, o prefácio à *Antologia do pensamento republicano*, também já mencionado (cf., supra, n. 4) bem como três poemas inéditos.

Mas vinha de mais longe, todavia, o conhecimento pormenorizado e o acompanhamento atento da atualidade literária brasileira. *O menino de engenho* de José Lins do Rego, publicado em 1932, lê-o nas avenidas do Jardim Botânico coimbrão menos de um ano depois. Não será excessivo, por isso, conjecturar a centralidade do seu papel como intermediário na difusão desse chamado “romance regionalista” em Portugal.

A conferência *A nova descoberta do Brasil*, pronunciada no dia 3 de maio de 1944 e nesse mesmo ano editada num pequeno volume (ALMEIDA, 1944b)<sup>10</sup> constitui uma primeira fixação global da complexa relação de António Ramos de Almeida com o Brasil<sup>11</sup> – plasmada, aliás, nos múltiplos sentidos do título.

O achamento histórico do Brasil, a descoberta do Brasil pelo jovem António Ramos de Almeida, a descoberta do Brasil pelos próprios brasileiros e a descoberta (isto é: o reconhecimento) do Brasil pela comunidade internacional confluem nessa reflexão apaixonada que – no entanto – é, porventura acima de tudo, a consagração da *importância cognitiva da literatura*.

A partir da convicção de que “tudo o que se construiu no Brasil foi (...) produto de trabalho árduo e penoso, lutas de suor, de sangue, de lágrimas e de ideias, sem as quais nada se faz de grande neste mundo”, é lícito perguntar onde poderemos “descobrir os segredos das grandes lutas”, onde é que o devir-nação toma consciência de si próprio. A resposta: é na literatura, são “os poetas, os romancistas, os historiadores, os ensaístas, sobretudo os das novas gerações, aqueles que mostraram ao mundo a grandeza e a extensão do seu país”. Mais: “eles são a linguagem da selva, da ‘caatinga’ e dos pampas, a palavra eloquente das florestas, dos rios e dos homens; representam sobretudo a luta admirável do homem que saiu das tribos, da escravatura e conquistou a liberdade, porta aberta à amplidão do Futuro”. É o que designa por “conquista da expressão brasileira”.

Esquemáticamente, é certo; rapidamente, sem dúvida – mas está aqui uma concepção de literatura.

---

<sup>10</sup> Foi inicialmente uma conferência pronunciada no dia 3 de maio de 1944 no Salão Nobre do Clube Fenianos Portuenses, numa sessão presidida pelo Dr. Mauro de Freitas, cônsul do Brasil no Porto. Doze anos depois, no mesmo dia 3 de maio (*Jornal de Notícias*, 3 mai. 1956), António Ramos de Almeida volta ao tema e reforça a necessidade prática (quer dizer, ao mesmo tempo, política e cultural) da aproximação entre os dois países, fazendo coincidir o seu comentário com as palavras de Pedro Calmon, que estava em Portugal para comemorar justamente o dia 3 de maio e discursou na Academia das Ciências sobre a língua portuguesa.

<sup>11</sup> Além da edição autónoma, a conferência fará parte da obra *Para a compreensão da cultura no Brasil*, (ALMEIDA, 1950). Nela estão reunidos outros significativos ensaios de temática brasileira (“Castro Alves, génio poético do Brasil”, “A conquista da expressão brasileira” e “Para a compreensão de Rui Barbosa, juriconsulto da democracia e da paz”). Apesar de não reunir todos os escritos referentes ao mesmo tema, a esta obra deveremos regressar, noutra oportunidade, para reconstituir o amplo horizonte em que António Ramos de Almeida situava a valorização da “literatura regionalista”.

A literatura não distrai, não evade, não decora. A literatura também não é, simplesmente, a expressão de consciências individuais. A literatura que simplesmente distrai, evade ou decora está des-sintonizada do seu próprio tempo. Ora, pertence a uma pré-compreensão geracional, partilhada por António Ramos de Almeida, que é possível, que é historicamente necessário construir os fundamentos dessa sintonia entre a arte e o tempo, isto é, entre o *acontecimento histórico* e os modos de expressão artística do acontecimento histórico.

A arte deve fazer conhecer: e não, simplesmente, referir, ilustrar. Fazer conhecer significa mostrar o sentido de um acontecimento.

A identificação destas características singulariza a “literatura regionalista” de outras práticas literárias e investe a sua difusão entre nós de um alcance completamente diferente da mera “divulgação” de autores brasileiros.

Num artigo sobre *O amanuense Belmiro* de Ciro dos Anjos, escreve: “Os romances de Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Amando Fontes, Raquel de Queirós, Erico Veríssimo chegaram de chofre, como um duche sobre uma sensibilidade leitora e crítica embotada pelo decadentismo mórbido do romance europeu que usara e abusara das escavações psicológicas. O romance brasileiro irrompia como qualquer coisa de diferente, repleto de força e de vida de um humanismo novo, onde os problemas concretos e reais da sociedade e do indivíduo se misturavam uns nos outros (...)”.

Uma leitura “neo-realista” do Modernismo, que reduz a valorização da linguagem ao subjetivismo e permanece numa estrita e estreita noção do que seja a análise psicológica conjuga-se, neste passo, com uma universalização da ficção brasileira “regionalista”. É como se se afirmasse, por outras palavras, que o romance do século XX precisou dessa ficção regionalista para captar dimensões universais da condição humana. Ou: que o romance regionalista é um dos caminhos para estabelecer as bases de uma nova ficção. Ou ainda: foi na ficção regionalista brasileira que uma universalidade concreta da condição humana ganhou configuração e voz.

Esta hipótese altera e enriquece a relação entre as culturas brasileira e portuguesa através do Neo-Realismo: não se trata unicamente de divulgar, de fazer conhecer num país os valores artísticos do outro país ou de definir as bases de uma qualquer “comunidade”.

Nem estamos também, simplesmente, no plano da “influência”, que é o dispositivo mais referido para caracterizar a receção da literatura brasileira pela literatura portuguesa.

Ora, a validade da hipótese aberta por António Ramos de Almeida sugere que a influência dê lugar à mediação e, neste deslocamento, seja alterado o campo literário de que falamos.

Logo, o que a literatura brasileira traz suscetível de inscrever-se na fundamentação estética do Neo-Realismo é, pelo simples facto de existir, a noção de que é possível *uma outra* prática literária, em que uma *determinada* consciência histórica ganha forma artística num espaço do Modernismo.

Hipótese que repercute muito para além da literatura portuguesa e da literatura brasileira e obriga a uma reconsideração aprofundada de todos os aspetos envolvidos.

Afinal, não será estranho se caminhar na hipótese de António Ramos de Almeida (falecido em 1961) obrigar a uma revisão da história do Neo-Realismo e, nela, da receção da literatura “regionalista”. É que, como vimos no início, o neo-realismo de António Ramos de Almeida não é um “neorrealismo” comum.

A polémica arte pura – arte social não é originária: é o resultado de um *determinado* amadurecimento político-doutrinário inicialmente vago e nebuloso, mas já real, em 1934 e 1935; amadurecimento (isto é: o esclarecimento de uma consciência de si) que envolve a irredutibilidade da arte e, em particular, da literatura.

Uma revisão do Neo-Realismo que valorize estas indicações como alíneas pertinentes vai resultar, por certo, numa pesquisa que já não se centra em Portugal e no Brasil (embora seja impossível sem eles) para envolver o desenho de todo um campo literário gerado pelo que me permitiria chamar a “positividade da experiência” (em contraponto da “pobreza da experiência” que a lucidez trágica de Walter Benjamin identificou na posteridade da Primeira Guerra).

É fácil perceber que aquela revisão e este contraponto são todo um plano de trabalhos.

#### REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, António Ramos de. *Sinal de alarme*, poemas. Coimbra: s.n., 1938.
- \_\_\_\_\_. *Sinfonia da guerra*, poema. Prefácio de Rodrigo Soares, pós-fácio de Joaquim Namorado e um desenho de João Alberto. Porto: Sol Nascente, 1939.
- \_\_\_\_\_. *A arte e a vida*. Porto: Livraria Joaquim Maria da Costa, col. Cadernos Azuis, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Antero de Quental – infância e juventude*. Porto: Livraria Latina Editora, col. Cadernos Azuis, 1943.
- \_\_\_\_\_. *Antero de Quental – apogeu, decadência e morte*. Porto: Livraria Latina Editora, col. Cadernos Azuis, 1943.
- \_\_\_\_\_. *Sêde*, poema. Edição do autor (Depositária: Livraria Latina Editora, Porto), 1944a.
- \_\_\_\_\_. *A nova descoberta do Brasil*. Porto: Editorial Fenianos, 1944b.
- \_\_\_\_\_. *Eça*, Porto, Livraria Latina, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Vulcão*, s.n., 1956.

- \_\_\_\_\_. *Vértice*, Lisboa, v. IV, p.470-471, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Para a compreensão da cultura no Brasil*. Porto: Maranus, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Bernardino Machado – evocação de uma figura pública*. Conferência no 1º Centenário de Bernardino Machado, Vila Nova de Famalicão. Fragmento. *Vértice*, Lisboa, v. XI, p. 473-478, 1951.
- \_\_\_\_\_. A cultura portuguesa está de luto. Morreu o Mestre de Coimbra. *Jornal de Notícias*, Coimbra, n. 30, Suplemento Literário, out. 1958.
- \_\_\_\_\_. Bernardino Machado. Prefácio. *Vértice*, Lisboa, v. XXV, p. 397-401, 1964.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento activo de Bernardino Machado*. Porto: Brasília Editora, 1974.
- ANDRADE, Carlos Santarém. *Vértice – Índice de autores 1942-1986*, Coimbra, 1987.
- ANDRADE, Luís Crespo de. *Sol Nascente*. Da cultura republicana e anarquista ao Neo-Realismo. Porto: Campo das Letras, 2007.
- DIAS, Luís Augusto Costa. *O “Vértice” de uma renovação cultural*. Imprensa periódica na formação do Neo-Realismo (1930-1945). Dissertação (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.
- NEVES, Nuno Teixeira. Uma figura viva entre os homens. *Vértice*, Lisboa, v. XXV, p. 405-409, 1964
- PITA, António Pedro. O ensaísmo de António Ramos de Almeida: alguns tópicos. *O Escritor*, n. 11-12, p. 263-273, dez. 1998 (*apud Conflito e unidade no Neo-Realismo português*. Porto: Campo das Letras, 2002. p. 192-207).
- \_\_\_\_\_. *Conflito e unidade no Neo-Realismo português*. Porto: Campo das Letras, 2002. p. 93-122.
- RAMOND, Viviane. *A revista Vértice e o Neo-Realismo português*. Coimbra: Angelus Novus, 2008.
- RÉGIO, Régio. Saudação a Ramos de Almeida. *Vértice*, Lisboa, v. XXV, p. 410-411, 1964.
- SÁ, Victor de. Almeida (António Ramos de). In: COCHOFEL, João José (Dir.). *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1972. v. I, p. 152.
- TRINDADE, Luís. *O espírito do Diabo*. Discursos e posições intelectuais no semanário *O Diabo* 1934-1940. Porto: Campo das Letras, 2004.

#### MINICURRÍCULO:

António Pedro Pita é professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras e Coordenador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Autor de *Conflito e unidade no Neo-Realismo português*. Porto: Campo das Letras, 2002, entre outros.